

FORMAÇÃO ACADÊMICA DOS INTELLECTUAIS MONÁRQUICOS SERGIPANOS

Eugênia Andrade Vieira da Silva*
Universidade Federal de Sergipe

O objetivo deste trabalho é analisar a formação acadêmica dos intelectuais sergipanos do século XIX. Para tanto, foram analisados 400 sergipanos, reconhecidos e consagrados por seus pares como intelectuais, que tiveram sua legitimação publicamente divulgada em dicionários biobibliográficos, efemérides e fichas bibliográficas.

Dos 400 intelectuais abalizados, 395 nasceram durante o século XIX, enquanto apenas cinco deles nasceram durante o século XVIII. Por isso, pode-se afirmar que eles constituíram a geração oitocentista sergipana e vivenciaram o período inaugural do Brasil como nação independente, quando se fazia urgente a construção de um Estado nacional brasileiro, formado por cidadãos brasileiros educados no Brasil através das faculdades imperiais, das escolas militares e dos seminários. Esses brasileiros iriam compor os quadros dirigentes do Estado Imperial.

Um primeiro pressuposto, com o qual aqui se trabalha, é o de que a intelectualidade sergipana foi formada no Brasil, durante o Império, não integrando, portanto, a geração dos intelectuais brasileiros formados em Coimbra. Para Carvalho¹, houve duas gerações distintas de intelectuais no Brasil. Uma, formada em Portugal (a geração de Coimbra) e a outra, formada no Brasil (a geração de São Paulo e Olinda/Recife). Apesar de ser um estudo de referência para os seguintes, esse autor não confere nenhuma importância ao papel que, durante o século XIX, desempenharam, no Brasil, os médicos no exercício da atividade intelectual. Do mesmo modo que os médicos, foi-lhe esquecida a contribuição dada pelos engenheiros.

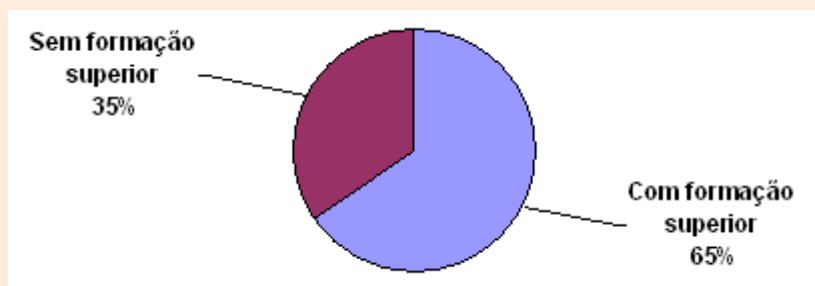
Ao mapear a intelectualidade sergipana, uma das hipóteses desse trabalho é confirmada, a de que essa intelectualidade foi formada no Brasil, durante o Império, não integrando, portanto, a geração dos intelectuais brasileiros formados em Coimbra. Tal hipótese encontra respaldo em Nunes, quando ela afirma que encontrou apenas cinco estudantes, nascidos em Sergipe², registrados nos Arquivos da Universidade de Coimbra. Estes receberam diploma de Bacharel antes de 1823. Segundo a autora, esse reduzido número pode ser atribuído à pobreza dominante na vida sergipana. Todavia, mesmo no período de maior prosperidade econômica da Província – 1822 a 1889, apenas onze

sergipanos realizaram estudos no exterior, dos quais, somente um, na Universidade de Coimbra.

A qualidade da formação recebida pela intelectualidade sergipana com formação superior fica evidente na amostragem registrada por autores como Guaraná, Bittencourt, Costa e Silva e Dória, que a caracterizaram como uma elite altamente educada, fato também observado por Carvalho³ quando analisou a elite política brasileira.

De um total de 400 biografias apanhadas por este estudo, 260 são referentes a pessoas portadoras de diplomas obtidos em instituições de ensino superior e 140 sem formação superior

Gráfico 01 – Obras Biográficas de Base Para a Análise dos Intelectuais Sergipanos



Fonte: GUARANÁ, Manoel Armino Cordeiro. *Dicionário bio-bibliográfico sergipano*; BITTENCOURT, Liberato. *Brasileiros illustres: sergipanos illustres*; SILVA, Cândido da Costa e. *Os segadores e a messe*; e, DÓRIA, Epifanio da Fonseca. *Notas Biográficas*.

Ao analisar a formação da elite política brasileira durante o Império, Carvalho⁴ viu, como matriz comum dessa formação, as faculdades de Direito, o elemento responsável pela homogeneidade ideológica e de treinamento, base da sua argumentação teórica.

No entanto, os demais centros acadêmicos, formadores de nossa intelectualidade, não podem ser negligenciados. Sergipanos realizaram seus estudos não apenas em instituições de nível superior, mas também em estabelecimentos de ensino secundário. Muitos desses intelectuais viveram em Sergipe, criaram e dirigiram escolas públicas e particulares desse nível de ensino, formando aqueles que compuseram os quadros administrativos do serviço público e a gerência dos negócios privados, construindo assim, ao lado dos que obtiveram formação superior e mesmo daqueles que cursaram o ensino secundário em outras localidades, uma rede intelectual sergipana.

Quadro 02 – Principais Centros Brasileiros de Formação Superior Frequentados Pela Intelectualidade Sergipana no Período Monárquico

Centros de Formação	Alunos Formados
Faculdade de Direito de Olinda/Recife	82
Faculdade de Direito de São Paulo Faculdade de Medicina da Bahia	08
	108
Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro	21

Fonte: GUARANÁ, Manoel Armino Cordeiro. *Diccionario bio-bibliographico sergipano*; BITTENCOURT, Liberato. *Brasileiros illustres: sergipanos illustres*; SILVA, Cândido da Costa e. *Os segadores e a messe*; e, DÓRIA, Epifanio da Fonseca. Notas Biográficas.

Fundamentalmente formados em instituições brasileiras, os sergipanos, mesmo em quantidade muito reduzida, também frequentaram centros de formação superior em países estrangeiros: dois na França, um na Itália, um em Portugal e dois na Bélgica.

Tobias Moreira de Magalhães, um dos biografados, estudou fora do país. Joaquim Moreira de Magalhães, seu pai, proprietário de um teatro em Laranjeiras, percebendo que seu filho tinha talento musical, enviou-o à Itália para estudar música, fato esse registrado em seu testamento:

Verba terceira = Declaro que em consequencia de ter mandado em Maio deste anno o meo filho Tobias para Genova, no Reino da Italia, afim de ultimar seos estudos na Musica vocal e instrumental, e aproveitar o talento com que Deos o dotou; de ter obrigado no Recolhimento do Senhor Bom Jesus dos Perdões, erecto nesta cidade, a minha filha Emilia, conforme seos desejos; e achar-se estudando nella o meu filho João nomeio para Tutor delles o Doutor Antonio Ribeiro Lima, a quem peço a caridade de acceitar esta tutoria, que lhes he indispensavel nesta Cidade⁵.

Tobias Moreira de Magalhães, voltando ao Brasil, estabeleceu-se na Bahia e dedicou-se ao ensino de piano. Seus irmãos, os médicos João Moreira de Magalhães, afilhado do Barão de Maruim, e José Moreira de Magalhães, estudaram no Brasil, formando-se pela Faculdade de Medicina da Bahia.

Quadro 03 – Estudantes Sergipanos Formados em Instituições de Ensino Superior Brasileiras e Estrangeiras no Período Monárquico

Natureza da Instituição Quanto a Nacionalidade	Total de Estudantes Formados
Brasileiras de ensino superior	254
Estrangeiras de ensino superior	06
Total	260

Fonte: GUARANA, Manoel Armino Cordeiro. *Diccionario bio-bibliographico sergipano*; BITTENCOURT, Liberato. *Brasileiros illustres: sergipanos illustres*; SILVA, Cândido da Costa e. *Os segadores e a messe*; e, DÓRIA, Epifanio da Fonseca. *Notas Biográficas*.

Dos intelectuais com formação acadêmica superior, o campo da saúde (médicos, cirurgiões-dentistas e farmacêuticos) compunha a maior parte das categorias profissionais dos sergipanos. Este fato induz à seguinte questão: até que ponto foram produzidos perfis da elite intelectual brasileira que não considerassem apenas o viés de um grupo político ou, somente e de maneira parcial, alguns grupos, dentre as categorias profissionais, que serviram para configurar o campo?

Sobre essas abordagens parciais, são elucidativos os estudos de Carvalho (elite política), Adorno (Direito) Matos (política), Coelho (Medicina, Engenharia e Direito), Antunes (Medicina), Herschman (Medicina), Kropf (Engenharia), Nunes (Educação), José Gondra (Medicina), entre outros.

Quando se verifica, no interior do território de Sergipe, através da procedência dos intelectuais atuantes durante a Monarquia, é possível perceber que o contingente mais significativo deles advinha dos municípios onde havia uma maior acumulação de riqueza devido à produção açucareira ou dos que apresentavam outras condições relacionadas à atividade comercial ou mesmo ao prestígio obtido pelo fato de sediar, politicamente, a Província, como os municípios de Laranjeiras, São Cristóvão, Estância e Capela.

Na visão do sociólogo Elias,

(...) na história, nenhum fato isolado jamais produz por si mesmo qualquer transformação, mas apenas em combinação com outro. (...) Quando pesquisamos processos sociais, temos que examinar a rede de relacionamentos humanos, a própria sociedade, a fim de identificar as compulsões que as conservam em movimento e lhes conferem forma e direção particulares⁶.

Tendo em vista esta concepção, na formação da elite intelectual sergipana, é possível observar que quase todos os seus quadros são provenientes de famílias estruturadas, constituídas de pai e mãe (91,25 % do universo analisado). Esse dado revela que tais famílias estão legitimadas na vida social sergipana e é esta a condição da qual partem os seus filhos ao iniciarem as suas trajetórias intelectuais.

Quadro 04 – Estrutura Familiar dos Intelectuais Sergipanos no Período Monárquico

Filiação	Nº	%
Sem filiação conhecida	27	6,5
Só pai	5	1,25
Só mãe	4	1,0
Com pai e mãe	364	91,25
Total	400	100

Fonte: GUARANÁ, Manoel Armino Cordeiro. *Diccionario bio-bibliographico sergipano*; BITTENCOURT, Liberato. *Brasileiros illustres: sergipanos illustres*; SILVA, Cândido da Costa e. *Os segadores e a messe*; e, DÓRIA, Epifanio da Fonseca. *Notas Biográficas*.

Essa composição familiar, acima exposta, comprova que os intelectuais sergipanos em foco eram provenientes de estruturas familiares sólidas. Este fato é evidenciado com mais nitidez, ao se fazer uma minuciosa inspeção na materialidade das teses defendidas nas faculdades de medicina. Na forma de agradecimentos, seus autores deixaram o registro da própria posição no interior do grupo, cunhando a sua identidade como indivíduos pertencentes a uma rede de interesses que se movimenta em torno do poder, tanto como inter-elites, quanto na condição de “elite do poder”⁷.

Gondra vê, nesse tipo de registros, a origem geográfica e social dos formandos, o que atestava o seu pertencimento àquilo que se denominava de boa família. A legitimação declarada “(...) nos faz refletir sobre o grande valor, à época, da origem familiar e o poder da família legítima e moralmente constituída”⁸. Ao analisar as teses sergipanas na sua materialidade (capa, desenhos e estampas, epígrafes, cargos ocupados, feitos patrióticos, dedicatórias, agradecimentos, tipografia)⁹, é possível perceber não apenas a legitimação¹⁰, e a comprovação da estrutura familiar¹¹. As dedicatórias e agradecimentos constituem um mapa das relações de parentesco e amizade que demarcavam a posição do formando, no grupo social ao qual pertencia e ao grupo profissional ao qual iria pertencer, após a

colação de grau. Representam uma espécie de certificado social, salvo-conduto, passaporte para o ingresso na vida profissional. Nessas dedicatórias e agradecimentos estão postas as redes familiares que vão desde pais, irmãos, avós, primos, tios, cunhados, madrastas e também as relações de amizade e reciprocidade como colegas, amigos, amigos do pai, mestres e profissionais da área conhecidos e respeitados. Os cargos e os feitos patriotas. Existem desenhos representando os símbolos da Medicina, da mesma maneira que estão inscritas as homenagens póstumas. As epígrafes, em uma sociedade de iletrados, são marcas da cultura escrita, da erudição, postas em latim, como era conveniente à época para os letrados, verdadeiras simbologias demarcatórias de espaços dentro e fora da elite do poder.

Além de bem estruturadas, segundo Carvalho¹², as famílias dos jovens intelectuais apresentavam uma boa situação financeira. Para o autor, havia também uma homogeneidade social, posto que a elite política era oriunda dos setores sociais dominantes. Contudo, os dados sobre a origem social da elite, de um modo geral, são menos satisfatórios que os registros de socialização e treinamento, em face da exigüidade de dados a esse respeito. A essa altura, pode-se afirmar que os intelectuais, analisados por este estudo, eram oriundos, portanto, da classe dominante.

Quanto aos gastos com educação, pode ser observado que as despesas eram significativas e começavam com o ensino das primeiras letras, estendendo-se até o ensino superior. Um bom exemplo é o da formação do intelectual João Baptista da Costa Carvalho, órfão de pai rico:

Desde 1844, tempo em que assignou a tutela o termo de tutoria até fim do anno passado esteve o Orfão na cidade da Estancia nas escolas de primeiras letras, e ao depois nas de latim e frances, e regolou sempre suas despesas em 40\$000 mensais, o que faz em 11 annos a quantia de 5:280:000Hoje o orfão se acha na Provincia da Bahia proceguindo em seus estudos para entrar em úa das Faculdades do Imperio¹³.

Algumas famílias contratavam professores particulares, que atendiam a todos os filhos, como a família Barretto Muniz: “Durante a vida desta era o herdeiro inventariante, seu pai, que havia sido educado n’aquella mesma casa como sobrinho do pai dos orphãos (...)”¹⁴. Outras famílias matriculavam seus filhos nas aulas régias e/ou particulares.

A necessidade de se integrar a uma rede de interdependências levava muitas famílias a enviar seus filhos para

o ensino secundário em escolas das cidades nas quais funcionavam os cursos superiores, uma vez que era condição essencial a aprovação nos exames preparatórios, à exceção dos estudantes que cursaram o Colégio Pedro II. No caso de Sergipe, quanto ao universo analisado por este trabalho, apenas dois estudantes foram alunos desse estabelecimento de ensino. Em contrapartida, era grande o fluxo de jovens estudantes sergipanos em direção à Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo, embora Sergipe possuísse escolas públicas e privadas de ensino secundário, desde a primeira metade do século XIX.

Não obstante alguns autores, que se dedicam a estudar a História da Educação em Sergipe afirmarem que na Província somente se ofereceu ensino secundário público a partir de 1871, após a criação do Atheneu Sergipense, em 1870¹⁵, é possível localizar, no *Diccionario bio-bibliographico sergipano*, vários intelectuais que se formaram nos liceus de São Cristóvão, de Laranjeiras¹⁶ e de Aracaju. Segundo Nascimento, o Atheneu Sergipense “(...) surgiu para ser o maior expoente do ensino público secundário de Sergipe, o mais alto padrão de escola local, definidor do tipo de civilidade que a elite local pretendia forjar”¹⁷ o que não justifica as afirmações de que somente a partir da inauguração do Atheneu houve formados no ensino secundário público de Sergipe.

Os custos de manutenção de um filho no ensino superior eram ainda mais vultosos do que os dispêndios demandados pelo ensino secundário. As faculdades cobravam anuidades, tendo o curso de Direito a duração de cinco anos e o de Medicina, seis anos enquanto a Escola Naval exigia custosos enxovais. Era comum que os tutores requeressem a retirada de investimentos pertencentes aos órfãos, a fim de manter os gastos com os estudos, como o fez, em 1880, Candida Leopoldina de Sampaio Jorge:

Illm^o Sr Dr. Juiz d' Orphãos

Aracaju, 12 de Fevereiro de 1880.

Diz Candida Leopoldina de Sampaio Jorge, tutora de seus quatro filhos menores, que tendo um destes o de nome Amynthas José Jorge, achando-se há tres annos estudando no Collegio Naval, acaba de prestar em Dezembro os exames dos ultimos preparatorios, que completão o Curso do Collegio, sahindo-se constantemente bem, e pelo que achase presentemente considerado Aspirante.

E porque para conseguil-o tenha a suplicante feito, durante este periodo, subidas despesas com o dito seu filho, que certo distao muito do quanto esta de-

signado para sua substancia, acaba mesmo agora de bastante dispendir com o novo fardamento do mesmo, e sucede entretanto que ainda de muito necessita este de roupas, livros, etc, para entrar em seu novo tirocinio, ao passo que o suplicante achasse impossibilitada de prestar-se; requer pois a V.S.^a que, por bem do progresso do mencionado orphao, que, como sabe V.S.^a, propõe de herança paterna duas apolices da divida publica de um conto de reis cada uma e mais em deposito no cofre das Orphaos a somma de 143,357, digne-se de ordenar a suspensão do deposito desta ultimo, de mandal-a entregar a supp^e, para o supradito fim, coadjuvando-a deste modo no desempenho dos interesses, que promove á prol do dito Orphao seu filho¹⁸.

Nos outros cursos, como Medicina e Direito, era necessário pagar hospedagem, alimentação e todo o material escolar, além de outros gastos. Isso justificava a frequência dos pedidos de arbitramento, a exemplo do apresentado, em 1877, pelo tutor do estudante sergipano de Medicina, Pedro Muniz Barretto:

Diz José Freire Telles Barreto tutor dos orfãos Pedro, Casemiro e D. Evangelina Muniz Barretto filhos dos falecidos Coronel Pedro Muniz Barretto e D. Clara Maria de Lima Barreto que tendo o 1º destes orfãos sido aprovado nos Exames dos preparatorios necessarios para o estudo de medicina, pretende o mesmo orfão entrar este anno na academia da Bahia, e como a quantia arbitrada a dous annos para suas despezas aqui seja insufficientes naquella cidade, o suplicante vem requerer a Vossa Senhoria haja de mandar arbitrar maior quantia em relação com os lucros do mesmo orfão e sult sentido o suplicante¹⁹.

O gasto com a educação representava um grande investimento que, isoladamente não garantia retorno compensador. Apenas o fato de colar grau não assegurava um futuro tranqüilo ao jovem intelectual. Segundo Bourdieu:

(...) o diploma vale fora do mercado escolar o que seu detentor vale econômica e socialmente, sendo que o rendimento do capital escolar (forma transformada do capital cultural) depende do capital econômico e social que pode ser utilizado em sua valorização²⁰.

Com este tipo de afirmação, concorda Alonso em sua análise do movimento intelectual de 1870. Para ela,

O diploma em direito era o abre-te-sésamo, primeiro passo na seqüência. Mas sozinho nada garantia. Era o nome de família o passaporte para o ingresso no sistema patrimonial de indicações para empregos públicos e cargos eletivos. (...) O diploma não garantia sozinho o bom emprego e freqüentemente os primeiros colocados nos concursos eram preteridos pelos melhores nomes de família²¹.

Para ilustrar a sua assertiva, cita Silvio Romero que, em 1875, se indispôs com a Faculdade de Direito do Recife, em face da sua tese, *Da interpretação filosófica na evolução dos fatos históricos*, considerada de cunho positivista. Por haver sido o seu trabalho rejeitado, retornou a Sergipe para trabalhar como promotor público, mudando-se depois para o Rio de Janeiro, onde foi juiz municipal de órfãos, em Parati. Alguns anos depois, mesmo sendo aprovado em concurso público, necessitou da intercessão de amigos influentes para ser admitido no quadro docente do Colégio Pedro II.

É corrente na historiografia da educação sergipana, a afirmação de que, por não haver uma rede de ensino primário e, principalmente, de ensino secundário, os sergipanos emigravam para outras Províncias em busca de instituições sólidas:

Na ausência de escolas públicas que preparassem os seus filhos para o ingresso no ensino superior, as famílias sergipanas contavam apenas com o Colégio do Coração de Jesus, do Cônego Brás Diniz Villas-Boas, e o Colégio de São Cristóvão, do Padre José Gonçalves Barroso, estabelecimentos particulares criados em 1848.²²

Todavia, a partir da análise dos dados, pode-se afirmar que era numerosa, sólida e estável a rede de instituições privadas de ensino secundário, apesar de alguns autores negarem tal fato. Souza²³ insiste na tese da ausência de uma rede de saber estável em Sergipe no século XIX, apesar de o seu trabalho relacionar várias instituições culturais do período, a exemplo do Atheneu Sergipense, da Escola Normal, do Parthenon Sergipense, do Ginásio Sergipense, do Liceu Laranjeirense, da Escola Americana, do Colégio Nossa Senhora Santana, do Colégio Inglês, dentre outros.

Não obstante esse tipo de referência, comum em outros estudos²⁴, Freitas buscou estabelecer, de modo siste-

mático, um quadro das instituições de ensino, existentes em Sergipe na transição do século XIX para o século XX²⁵. Para realizar a análise do objeto de estudo desse trabalho, buscou-se montar um quadro bastante revelador, por contradizer a maior parte das afirmações acerca da suposta inexistência dessa rede, ao identificar 18 instituições de ensino secundário.

Quadro 05 – Instituições Sergipanas de Instrução Secundária Que Funcionaram no Período Monárquico

Denominação	Localidade
Atheneu Sergipense	Aracaju
Cadeiras isoladas	Sergipe
Colégio dirigido pelo Professor José Leandro	Estância
Colégio do Amparo	Capela
Colégio do Padre Vieira	Capela
Colégio do Professor Braz Diniz Villas Boas	Laranjeiras
Colégio do Professor Fabrício Vampré	Simão Dias
Colégio do Vigário José Gonçalves Barroso	São Cristóvão
Colégio Inglês	Laranjeiras
Colégio Nossa Senhora Santana	Laranjeiras
Colégio São Salvador	Aracaju
Escola Americana	Laranjeiras
Escola Normal	Aracaju
Ginásio Sergipense	Aracaju
Liceu	Aracaju
Liceu de São Cristóvão	São Cristóvão
Liceu Larangeirense	Laranjeiras
Parthenon Sergipense	Aracaju
Total: 18	

Fonte: GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. *Diccionario bio-bibliographico sergipano*.

Para Mills²⁶, há uma seqüência educacional comum às elites e isso é percebido, mediante a preparação inicial dos intelectuais, quando deslocados do seu ambiente familiar para os internatos e externatos, nos quais continuaram submetidos à regras de civilidade adequadas à sua posição social. Exemplo disso está no registro dos conflitos entre irmãos, nos quais o mais velho tenta enquadrar o mais novo nos padrões de civilidade:

Illustrissimo Senhor, encarregando-me da tutoria de meus Irmãos, e asignando o respectivo juramento, não considereirei porém um dever sagrado a cumprir desde então venho procurado quanto em minhas

forças cabe, não só de dar à meus Irmãos a educação condigna de suas circunstancias, como tambem promovido com toda a economia de despesas e argmento e arrecadação das legitimas que elles tocarão em partilhas por morte de nossos pais. Quando me encarreguei da tutoria de meu Irmão Ricardo, este se achava estudando em um Collegio na Bahia; e desejando-me que elle concluisse os seus estudos di as ordens precisas à que nadas lhe faltasse; porem infelismmente esse meu Irmão, conforme expuz, guiado por meus consêlhos, ou por lhe faltarem pais à quem respeitasse, com receio de castigos, não quis de forma alguma sujeitar-se a morar em um collegio, e ali roubar sua educação; queira estar sobre si, sem prestar obdiencia à pessoa alguma, o que me era impossivel consentir, attendendo a que elle apenas contava a idade de quatorze annos, idade das illusões, em que tem os homens das coisas ²⁷.

Segundo Mills, a tarefa das escolas é a de formar os novos membros da elite, de ser espaço de seleção, exercendo influência unificadora e mantendo a coesão dos grupos dirigentes, à medida que os padrões identificadores e diferenciadores permanecem. Para tanto, faz-se necessário impor regras, que excluem os que nelas não se enquadram. Nesse sentido, é elucidativa a citação abaixo:

Amigo Senhor Antonio Curvello de Mendonça = Bahia quatorze de Maio de mil oito centos e setenta e um. (...) Seu mano e tutelado Ricardo tem se portado mal no Collegio, dizendo-me o Diretor que já o levou bôlos, que continuará em maior doze, e que por fim o despedirá do Collegio, visto que não lhe convem estudantes malcriados e insurbordinados no Collegio, para não lhe desmoralisar os outros. Escrevu-me seu mamo Ricardo pedindo-me que escrevesse ao Sebrão dizendo-lhe que elle Ricardo viera aprender só Inglez e Francez, e não Latim. O Sebrão diz que não vale apenas pagar as despesas de um Collegio para aprender só Inglez e Francez, cujas materias pouco tempo tomão no dia, sendo conviniente occupa-lo com algum estudo em todas as horas do dia, para não tornar-se mais vadio e insuportavel do que é. Resolva por tanto como entender e dê suas ordens ao – De Vossa mercê amigo, venerador e criado – Francisco Ribeiro Moreira. Illustrissimo Senhor Antonio Curvello de Mendonça. No seu Engenho Quintas = Cotinguiba =

Estava sellado com estampilha de duzentos reis inutilizada pelo modo seguinte: Laranjeiras, quinze de setembro de mil oito centos e setenta e um. Antonio Curvello de Mendonça²⁸.

Conclusão

Nesse estudo, foi mapeada uma fração bastante representativa dos intelectuais sergipanos, uma vez que, do total de 400 aqui selecionados, foi possível identificar a trajetória de formação de escolar, a partir da instrução primária, de 271 pessoas. Esses estudantes freqüentaram 58 estabelecimentos de ensino secundário, dos quais, 50 no Brasil, 3 no exterior e 2 em escolas das quais não foi possível identificar a localização. Os colégios que formaram os estudantes sergipanos estavam localizados em sete Províncias: Bahia, Sergipe, Alagoas, Rio de Janeiro, Pernambuco, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. A maior quantidade de estabelecimentos de ensino secundário a formar jovens sergipanos estava localizada na Província da Bahia – 18 colégios. As instituições sergipanas de ensino secundário representavam 28% do total, ou quase um terço, não obstante a crença de alguns estudiosos que continuam a insistir na tese da inexistência de uma rede local de instituições formadoras durante o Império.

Referências Bibliográficas

- ALONSO, Angela. 2002. *Idéias em movimento: a crise de 1870 no Brasil-Império*. São Paulo. Paz e Terra.
- BARATA, Carlos Almeida e BUENO, Antonio Henrique Cunha. 1999. *Dicionário das Famílias Brasileiras*. São Paulo: Projeto Cultural e Coordenação Geral: Ibero América.
- BITENCOURT, Liberato. 1913. *Brasileiros illustres: sergipanos illustres*. Rio de Janeiro: Typ. Pap. Gomes Pereira.
- BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. 1893. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*.
- BOURDIEU, Pierre. 1990. *Coisas ditas*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- CARVALHO, José Murilo de. 1996. *A Construção da Ordem: a elite política imperial; Teatro de Sombras: a política imperial*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Relume-Dumará.
- ELIAS, Nobert. 1990. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. vol. I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- FONTES, Arivaldo Silveira. 1998. *Sergipanos no magistério carioca* (discurso de posse). Separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a .158, n. 397.

- FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. 2003. *Educação, trabalho e ação política: sergipanas no início do século XX*. Campinas, Faculdade de Educação da Unicamp. Tese de Doutorado.
- FREITAS, Itamar. 2002. *A escrita da História na “Casa de Sergipe” – 1913/1999*. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira.
- _____. 2003. “A aposentadoria do professor provincial: Sergipe – 1834/1880”. *Anais do XVI Encontro de Pesquisa educacional do Norte Nordeste*. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Núcleo de Pós-Graduação em Educação: Editora UFS.
- GONDRA, José Gonçalves. 2000. *Artes de civilizar*. Medicina, higiene e educação escolar na corte imperial. vol. I e II. São Paulo: USP (Tese de Doutorado em Educação).
- GUARANÁ, Manuel Armindo Cordeiro. 1925. *Diccionario bibliographico sergipano*. Edição do Estado de Sergipe.
- LE GOFF, Jacques. 1984. “Documento/Monumento”. In: *Memória-História*. Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, v.1.
- MICELI, Sergio. 2001. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras.
- MILLS, C. Wright. 1975. *A elite do poder*. Rio de Janeiro. Zahar Editores.
- NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. 2003. “Certidão de nascimento: as duas primeiras atas da congregação do Atheneu”. CIFORM. Aracaju.
- NUNES, Maria Thetis. 1984. *História da educação em Sergipe*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Aracaju: Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Sergipe: Universidade Federal de Sergipe.
- _____. 1996. *Sergipe colonial II*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- SILVA, José Calazans Brandão da. 1945/51. O ensino público em Aracaju 1830-1871. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*. N. 20. V. XV. Aracaju: Livraria Regina.
- _____. Desenvolvimento cultural de Sergipe na primeira metade do século XX. 1961-1965. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*. n. 26^A. vol. XXII. Aracaju: Livraria Regina.
- SIRINELLI, Jean François. 1996. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René. (Org.) *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. Fundação Getúlio Vargas.
- _____. 1997. “Elites culturais”. In: RIOUX, Jean Pierre e SIRINELLI, Jean François. *Por uma história cultural*. Lisboa: Editora Estampa.
- SOUZA, Cristiane Vitério de. 2001. *A república das letras em Sergipe. (1889-1930)*. São Cristóvão, Monografia de conclusão do curso de História – Departamento de História, Universidade Federal de Sergipe.

TELLES, Manuel dos Passos Oliveira. 1903. *Sergipenses*. Escritos diversos. Aracaju: Tipografia do Estado de Sergipe.

Fontes Manuscritas

AGJ/SE. AJU./C. 2º OF.– Inventário. Cx 20-2327.

AGJ/SE. EST./C. 2º OF. Inventário Cx 54-544.

AGJ/SE. LAR/C. 1º OF. Inventário Cx 05-217

AGJ/SE. LAR/C. 1º OF. Inventário Cx 11-223.

NOTAS

* Licenciada em História pela Universidade Federal de Sergipe e Mestre em Educação pela mesma Instituição. Especialista em Organização de Arquivos pela Universidade de São Paulo/Instituto Estudos Brasileiros, integrante do grupo de estudos e pesquisas em História da Educação: intelectuais, instituições e práticas escolares do Núcleo de Pós-graduação em Educação da UFS. eugenia@infonet.com.br

¹ CARVALHO, José Murilo de. 1996. *A Construção da Ordem: a elite política imperial; Teatro de Sombras: a política imperial*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Relume-Dumará..

² Lopo Gomes de Abreu Lima matriculado, em 1732, filho do Capitão Francisco Gomes de Abreu Lima, proprietário rural de Sergipe e seu sobrinho Francisco Gomes de Abreu Lima, matriculado em 1737, bacharel em Cânones, filho de Dr. Feliciano de Albenez, desembargador da Relação da Bahia, natural de Lisboa, e de Clara de Abreu e Lima; Pedro Tomás da Rocha, matriculado em 1751, filho do Dr. Cipriano José da Rocha, Ouvidor da Comarca de Sergipe; Antônio Dinis Ribeiro de Siqueira e Melo, matriculado em 1793, filho de Leandro Ribeiro de Siqueira e Melo, senhor de engenho da Cotinguiba; José Nunes Barbosa Madureira Cabral, formado em 1822. Cf. NUNES, Maria Thetis. 1996. *Sergipe colonial II*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 266.

³ CARVALHO. Op. cit. p. 69.

⁴ CARVALHO. Op. cit. p. 17.

⁵ AGJ/SE. EST./C. 2º OF. Inventário Cx 54-544. Doc. 26-11-1860.

⁶ ELIAS, Nobert. 1990. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Vol. I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. p. 38.

⁷ MILLS, C. Wright. 1975. *A elite do poder*. Rio de Janeiro. Zahar Editores.

⁸ GONDRA, José Gonçalves. 2000. *Artes de civilizar. Medicina, higiene e educação escolar na corte imperial*. vol. I e II. São Paulo: USP (Tese de Doutorado em Educação). p.83.

⁹ Biblioteca Pública Efigênio Dória.

¹⁰ Que são os filhos concebidos ou nascidos na vigência de um casamento válido. BARATA, Carlos Almeida e BUENO. op. cit. p. LXXVII.

¹¹ A chave de legitimação, na então sociedade patriarcal é a paterna, seja ela aparecendo ao lado da mãe ou reconhecendo a paternidade. Já o nome da mãe nem sempre aparece na capa das teses. Algumas vezes, vêm dentro.

¹² Cf. CARVALHO. op. cit.

¹³ AGJ/SE. EST./C. 2º OF. Ação de Tutela. Cx 05/428. Contas de Tutoria. Doc: 08-05-1858.

¹⁴ Idem.

¹⁵ NUNES, Maria Thetis. 1984. *História da educação em Sergipe*. Rio de Janeiro: Paz e Terra: Aracaju: Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Sergipe: Universidade Federal de Sergipe.

¹⁶ O Lyceu Laranjerense teve como diretor um dos biografados deste trabalho: Balthazar de Araujo Góes.

¹⁷ NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. 2003. “Certidão de nascimento: as duas primeiras atas da congregação do Atheneu”. CIFORM. Aracaju. p. 4.

¹⁸ AGJ/SE. AJU./C. 2º OF. Inventário. Cx 20-2327.

¹⁹ AGJ/SE. Inventário (sem testamento)/ 26-10-1877/ LAR/ C. 1º OF. Inventários. Cx 11-223.

²⁰ BOURDIEU, Pierre. 1990. *Coisas ditas*. São Paulo: Editora Brasiliense. p. 333.

²¹ ALONSO, Angela. 2002. *Idéias em movimento: a crise de 1870 no Brasil-Império*. São Paulo. Paz e Terra. p. 112-113.

²² SOUZA, Cristiane Vitória de. 2002. *A república das letras em Sergipe. (1889-1930)*. São Cristóvão, 2001. Monografia (Licenciatura em História) – Departamento de História, Universidade Federal de Sergipe. p. 49.

²³ Idem.

²⁴ É através de referências eventuais às instituições que existem no século XIX que o principal estudo de História da Educação em Sergipe discute o problema das instituições de ensino secundário daquele período. Cristiane Vitória de Souza, na sua análise, procedeu da mesma maneira que Maria Thétis Nunes. Cf. NUNES, Maria Thétis. 1984. *História da Educação em Sergipe*. SOUZA, Cristiane Vitória de. 2002. *A República das Letras em Sergipe*.

²⁵ Cf. FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. 2003. *Educação, trabalho e ação política: sergipanas no início do século XX*. Campinas: Faculdade de Educação da Unicamp. Tese de Doutorado.

²⁶ MILLS. op. cit. p. 79.

²⁷ AGJ/SE. LAR/C. 1º OF. Inventário Cx 05-217 Apelação Cível (Prestação de Contas). Doc. 18.03.1888.

²⁸ AGJ/SE. LAR/C. 1º OF. Inventário Cx 05-217 Apelação Cível (Prestação de Contas). Doc. 18.03.1888.